

A ciberliteratura como proposta para o ensino de contos de fadas: reflexões de uma experiência no Pibid-UFRRJ

Aline Monteiro Silva

Carla Cristina de Moraes Gomes

Mayara Ramos de Araújo Souza

Wagner Alexandre dos Santos Costa ()*

Introdução

Partindo do pressuposto de que o ensino de literatura é importante em todos os anos do ensino escolar, este trabalho destaca a ciberliteratura (VIRES, 2005)¹ como método de ensino e de aprendizagem, haja vista ser oportuno aliar a presença, cada vez mais intensa, dos meios digitais no dia a dia dos jovens às atividades escolares. Além disso, ressalta a importância da atuação do professor no que concerne ao uso de estratégias mediadoras para o estímulo da prática de leitura dos alunos a partir dos contos de fadas.

A inquietação para realização deste trabalho surgiu no âmbito do PIBID-UFRRJ², no ano de 2017, a partir da percepção de os alunos, na atualidade, não demonstrarem interesse no contato com a leitura no meio impresso (ou o fazem, em geral, com pouca frequência); diferente disso, leem por obrigação e não por prazer em experimentar ou vivenciar os benefícios de uma boa leitura. Certamente pode-se considerar que devido à concentração de tantas inovações tecnológicas, os livros tenham perdido espaço no cotidiano dos alunos. Entretanto, é possível utilizar esses recursos tecnológicos digitais no processo de construção do conhecimento e na difusão dos multiletramentos (ROJO, 2013)³. Além disso, existem inúmeras vantagens que uma leitura pode oferecer aos alunos

(*) *Aline Monteiro Silva*, *Carla Cristina de Moraes Gomes* e *Mayara Ramos de Araújo Souza* possuem graduação em Letras: Português/Inglês/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e foram bolsistas da Capes no PIBID-UFRRJ. E-mails: <alinne_silva13@hotmail.com>; <carlacris15moraes@gmail.com>; <mayaratecsegtrab@gmail.com>. *Wagner Alexandre dos Santos Costa* é doutor em Estudos da Linguagem, professor adjunto de Língua Portuguesa da UFRRJ e foi coordenador do Projeto Interdisciplinar Seropédica no PIBID-UFRRJ. E-mail: <wagnerasc@bol.com.br>.

¹ A definição mais abrangente de literatura cibernética decorre do conceito de literatura digital - ou seja, literatura criada e apresentada por computador (apresentada principalmente na WWW, mas também num CD ou num disco rígido do computador). Especificamente, o conceito de literatura cibernética pode ser caracterizado por certas qualidades específicas do computador: multilinearidade, léxico (blocos de texto ligado a vários links de hipertexto) unidos por links, ligar um texto escrito à multimídia, interactividade, etc. Língua inglesa uma literatura de hipertexto prazo termo tem sido usava (VIRES, 2005, p. 154, tradução livre).

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

³ A noção de multiletramentos, desenvolvida a partir de Rojo (2013), considera o prefixo multi- para pensar, por um lado, a relação das práticas contemporâneas de comunicação com as múltiplas linguagens, semioses e mídias cada vez

em suas vidas para além da sala de aula, como a construção de valores, a ampliação do vocabulário, a ativação do pensamento crítico e reflexivo, o incentivo à concentração e à prática da boa escrita.

A alternativa de ensinar literatura através dos contos de fadas surgiu devido à observância de uma situação que ocorreu no ambiente escolar. Certa vez, alguns alunos do ensino fundamental, de uma turma de 6º ano começaram a participar de um projeto de leitura de uma professora e, quando motivados a escolher um livro na biblioteca, a maioria deles escolheu contos de fadas já conhecidos. Talvez por insegurança ou por esperteza juvenil, a intenção deles era escolher uma leitura mais fácil de um livro já conhecido, pois talvez, do ponto de vista deles, seria mais simples a feitura da atividade que a professora iria propor. Diante disso, é ainda preciso pensar sobre a disposição dos alunos em realizar uma leitura por prazer.

Considera-se, diante de tal quadro, atualmente não ser possível desconsiderar os avanços tecnológicos na realização da prática escolar, sendo, pois, necessária a cooperação mútua entre o ensino de literatura e as inovações tecnológicas emergentes. Por essa razão, tamanha a importância da ciberliteratura (VIRES, 2005) atualmente.

Assim, com base na experiência de trabalho desenvolvido em uma turma do 6º do Ensino Fundamental, o objetivo deste artigo é discutir a proposta de um tratamento ciberliterário dos contos de fadas. Nas duas seções seguintes, apresentaremos algumas notas teóricas que sustentam nossas reflexões. Em seguida, resumimos alguns aspectos metodológicos do estudo, seguidos das considerações sobre o ensino de leitura, especificamente de contos de fadas por meio da ciberliteratura. Ao final, seguem-se a conclusão e as referências utilizadas no texto.

A importância da literatura na formação da criança

Coelho (2000) descreve o processo cognitivo e lúdico que envolve a literatura infantil e infanto-juvenil e as questões ligadas à criança como um ser em formação, que possui potencial a ser desenvolvido. Segundo ela, a escola é um espaço privilegiado para a base da formação do indivíduo, e o texto literário assume fundamental importância:

E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal e consciente (COELHO, 2000, p.16).

mais presentes quotidianamente e, por outro, para pensar a pluralidade e a diversidade cultural promovidas pelos diferentes usuários dessas linguagens nos seus mais variados espaços de ocorrência.

Abramovich (1997), consoante ao pensamento de Coelho (2000), comenta a importância da literatura na formação de qualquer criança. Destaca as atividades de ouvir e ler contos de fadas. Afirma ainda que, ao ler uma história, a criança também desenvolve todo um potencial crítico e pode, a partir de então, pensar, duvidar, se perguntar, questionar etc. Pode sentir-se inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que pode mudar de opinião.

Em relação à ênfase dada aos contos de fadas, Abramovich (1997) acredita serem o ponto de partida para se aprender a ser um bom leitor, pelo fato de esse gênero literário ser um dos primeiros aos quais os alunos terão acesso, principalmente de forma oral, através da leitura de algum familiar ou na escola.

Assim, a literatura é fundamental na vida de qualquer indivíduo, especialmente na vida de uma criança que está começando a desenvolver o seu hábito e gosto pela leitura. Ainda na infância, a literatura consegue fornecer subsídios primordiais para que o leitor experimente, no decorrer da vida, sensações, emoções de uma forma prazerosa e significativa. Para além dos benefícios indiscutíveis da fruição proporcionada pelo texto literário, destaquem-se outros, relativos ao desenvolvimento da competência comunicativa: a ampliação vocabular e desenvolvimento do uso criativo do léxico; contato com estruturas frasais as mais diversificadas, observação dos mecanismos de coesão e desenvolvimento tópico do texto; experiência leitora de diferentes enunciados na composição de gêneros textuais mais complexos, que se valem de outros na sua composição.

Coelho (2000, p. 29) afirma que “para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor”. Assim, a autora apresenta diferentes “estágios” do desenvolvimento desse pequeno leitor. Ressaltaremos aqui os considerados mais importantes.

Ao leitor da fase de 6 a 7 anos, Coelho (2000) chama de *leitor iniciante*, pois é nessa fase que a criança está aprendendo a leitura e reconhecendo a relação fonográfica, além de reconhecer a formação de sílabas simples.

A partir dos 8/9 anos a autora considera o indivíduo como um *leitor em-processo*, pois este já desenvolveu certos mecanismos de leitura e seu pensamento lógico está organizado em formas concretas, permitindo questionamentos de toda natureza. Nessas primeiras fases citadas, a autora reitera a importância de se ter um adulto incentivando o pequeno leitor a ler, pois dessa forma ele vai adquirindo o gosto pela literatura.

Já quanto ao leitor da faixa etária de 10/11 anos, Coelho (2000) considera-o como um *leitor fluente*, porque é nessa fase que há a consolidação de mecanismos de leitura e a compreensão do

mundo apresentado no livro. Nesta fase, a presença de um adulto como estímulo já não se faz mais tão necessária. Contudo, a autora apresenta uma última fase, que é a do *leitor crítico*, onde esse leitor adquire e começa a desenvolver o seu senso crítico. A partir dos 12/13 anos é considerada a fase de “total domínio da leitura, da linguagem escrita, capacidade de reflexão em maior profundidade (...) fase de desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico” (COELHO, 2000, p, 39). Diante disso, é de suma relevância reforçar a importância da presença da literatura na escola, sendo necessária a introdução da literatura através dos contos de fadas no 6º ano do ensino fundamental, já que é nessa faixa etária (12/13 anos) que o leitor começa a desenvolver seu senso crítico através da literatura.

Colomer (2007) explica que a psicolinguística, ao dar atenção à literatura em seus estudos sobre o desenvolvimento da linguagem nos primeiros anos de vida de uma criança, percebeu, ao passar seus estudos para os processos psicológicos nele implicados, a noção que a criança tem sobre narração. Com isso, alguns autores dessa área observaram como meninos e meninas estabelecem um esquema narrativo e percebem a relação entre a realidade e a fantasia ou aprendem as conotações culturais dos personagens dos contos.

Dessa forma, é possível afirmar a importância da introdução do gênero conto de fadas na formação da criança, uma vez que este geralmente possui uma estrutura fixa que parte de um problema vinculado à realidade da criança, seja uma carência afetiva, um conflito entre pais e filhos, algo que desequilibra a tranquilidade dessa criança, com alguma situação real que ela esteja vivenciando, ou seja, há uma relação entre a realidade e a fantasia, assim o desenvolvimento das histórias busca a solução de tais problemas apresentados na narrativa. Dessa forma, acredita-se que, ao ler as histórias, a criança consiga se identificar nelas.

Os contos de fadas, com todos os encantamentos do maravilhoso que possui, conseguem prender a atenção desse leitor de uma forma muito positiva, contribuindo para o desenvolvimento literário dessa criança.

A ciberliteratura e a escola

Na sociedade contemporânea, nota-se que tem sido possível, através das mídias digitais, a conquista de leitores de novos gêneros textuais. Desta forma, a literatura *on-line*, a ciberliteratura, também tem ganhado espaço dentre os leitores mais jovens, por virtude do apelo interacional das novas mídias. A construção de sentidos na leitura se torna mais ampla com o auxílio das múltiplas possibilidades de ligação que o texto digital permite.

Diante das novas tecnologias, o suporte diversificou-se, assim como a atividade de ler não se restringe mais ao ato de correr os olhos linearmente sobre um material impresso ou receber informações de forma passiva. Exige-se do leitor uma postura participativa na literatura. O texto passa a receber sentidos diversos e inesgotáveis a partir da colaboração subjetiva do leitor (XAVIER; SILVA, 2014, p. 1).

A difusão dos recursos tecnológicos digitais na contemporaneidade entre os jovens e adolescentes tem se propagado em abundância, dificilmente nas salas de aula há um deles sem celular. Eles mantêm relacionamentos virtuais e contas ativas em diversos sites de relacionamento e entretenimento.

Pelo fato de as tecnologias digitais se mostrarem tão atuantes, defendemos a posição que os *smartphones*, *tablets* e computadores devem ser adotados no ambiente escolar com frequência e sob orientação, pois estes dispositivos eletrônicos são versáteis e proporcionam a exploração da escrita, possibilitando aprimoramento das linguagens verbais, visuais, cinéticas e sonoras em diversos textos. Assim, esses recursos possibilitam o processo de construção de conhecimento e fruição literária. É interessante ressaltar, nesta seção, que nossa experiência demonstrou o crescente desinteresse por parte dos jovens em leituras mais clássicas e/ou livros que compõem o cânone literário. No entanto, observou-se que eles têm mostrado certo fascínio por leituras “mais modernas”, principalmente as apoiadas em tecnologias digitais. Deste modo, foi possível observar também um crescimento no interesse deles pelas *fanfictions* que a cultura de fãs tem produzido. Assim, “milhares de histórias de fãs são escritas, publicadas e lidas em ambiente digital e globalmente divulgadas e acessadas, de modo veloz” e nessas “tramas hipermidiáticas da web 2.0, nascem novos autores e leitores diariamente” (FIDELIS e AZZARI, 2017, p. 548). Trata-se de uma realidade em geral contrastante com a da escola tradicional: “O engajamento de jovens alunos em práticas de escrita e leitura, em esfera escolar, constitui um colossal desafio para o professor de línguas e literaturas, a escrita criativa, por meio da narrativa ficcional hipermidiática, brota aos milhares nas páginas de plataformas [...]” (FIDELIS e AZZARI, p.548).

Nesse cenário, como salienta Santaella (2012), a ciberliteratura não chegou para fazer operações de diminuição ou divisão. Ela vem para somar e multiplicar. Desse modo, a ciberliteratura pode ser explorada de diversas formas. Então como atividade a ser desenvolvida na escola, propomos a reescrita de contos de fadas e a publicação desses contos pelos alunos em *blogs* ou em redes sociais, como o *facebook*, porque este tipo de rede social possibilita ao leitor a escrita de comentários sobre o conto, propondo, dessa forma, a interação do público, de modo que os “escritores” tenham um *feedback* sobre seus escritos.

Em pesquisas na internet, encontramos uma diversidade de *blogs* sobre escrita/reescrita de contos e de fábulas, a maior parte deles de caráter pedagógico, o que nos oferece indícios de uma prática bem-sucedida. No *facebook*, por exemplo, encontramos exemplos de páginas que abrigam diferentes gêneros textuais acerca da temática dos contos de fadas e mostram, assim, várias possibilidades de oferecer contextos produtivos de leitura e escrita. Há compartilhamentos de vídeos, tirinhas, memes, minicontos, resenhas, além de contos tradicionais e, ainda, aqueles produzidos por escritores anônimos. Veja-se uma dessas páginas:



https://www.facebook.com/LendasFabulasMitosEContosDeFadas/?ref=br_rs. Acesso em 02 Jul. 2018.

Na postagem sob tela, divulga-se o curta “Menina bonita do laço de fita, adaptado de Ana Maria machado. Outras publicações desta página trazem contos, ilustrações e mais textos relacionadas ao universo literário. A dinâmica desta rede social permite o agrupamento, em comunidade, de uma grande quantidade de pessoas, o que possibilita aos alunos/escritores produzirem textos e serem lidos por outros.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido em uma escola municipal situada no município de Seropédica por bolsistas do PIBID - Projeto Interdisciplinar de Letras da UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, alunos dos Cursos de Letras dessa universidade. Primeiro, fizeram uma pesquisa com os alunos para tentar compreender o cenário de conhecimento e o grau de interesse sobre os

contos de fadas. A pesquisa foi realizada em uma sala de 6º ano do ensino fundamental, sendo o instrumento de coleta de dados um questionário de perguntas e respostas rápidas, devido ao exíguo tempo disponível para desenvolvimento da atividade.

O objetivo, a princípio, era coletar dados sobre a prática leitora dos alunos, o interesse e conhecimento sobre os contos de fadas, além da identificação de aspectos relevantes para o ensino de literatura. O questionário foi, então, submetido aos alunos da turma de 6º ano do Ensino Fundamental. No dia de aplicação, contou-se com um total de 22 alunos presentes, sendo 12 meninos e 10 meninas, com idade média entre 12 e 14 anos. A partir dos dados coletados, sua tabulação e análise, a segunda parte da pesquisa foi o desenvolvimento de uma prática pedagógica prazerosa de leitura e de escrita que eles considerassem atual e interessante.

Dessa forma, na proposta, procurou-se utilizar contos tradicionais, que incluíram, *Cinderela* e *Rapunzel*, e a partir dessas obras trabalhar a interpretação e compreensão dos textos, além da produção de textos ilustrativos e reescrita moderna. Com isso, tinha-se o objetivo de não unicamente falar sobre os contos de fadas, mas abordar aspectos da construção do texto e elementos da linguagem a partir das obras. A proposta, em seguida, foi que cada alunos disponibilizasse seus textos nas redes sociais dos alunos.

Compreensão da prática leitora de contos de fadas em uma turma de 6º ano

Trabalhar a literatura em sala de aula de forma prazerosa pode ser uma tarefa árdua, devido a toda carga histórica que ela carrega consigo sobre ser um dever, uma tarefa a ser cumprida, que afasta a criança da percepção de encantamento e entusiasmo que a leitura pode exercer, aproximando-a de uma obrigação.

Principalmente nos anos finais do fundamental I e início do fundamental II, em sua maioria, há uma obrigatoriedade quando se fala em literatura, assim como muitas cobranças em relação ao assunto e em relação a prazos. Isso impõe que todos os alunos, sem nenhuma especificidade, tenham de ler até determinada data, claro, sem esquecer o roteiro ou análise que deve ser entregue, como forma de verificação de leitura. Ou seja, não se respeita a necessidade, o ritmo, ou mesmo o gosto da criança pela leitura.

Outro ponto a ser destacado é o livro a ser lido, como já diz o ditado “gosto não se discute”, no entanto, no momento da escolha do título a ser trabalhado, em geral não existe um interesse em ouvir a opinião dos alunos que vão ler as obras. É importante ressaltar que o objetivo da proposta da leitura nem sempre permitirá um recorte amplo na escolha do tema ou título das obras a serem trabalhadas e, às vezes, não é possível propor-se um tema livre, entretanto cabe observar que, na

maioria das vezes, a escola limita o conteúdo entre dois ou três títulos, e acaba prejudicando a execução de um trabalho que pode ser prazeroso para todos.

Segundo Coelho (2000), além disso, no ensino de Língua Portuguesa, ao se tratar sobre matéria narrativa, seria possível encontrar dez fatores estruturantes, são eles: *o narrador, foco narrativo, história, e fabulação, gênero narrativo, personagens, espaço, tempo, discurso narrativo e ouvinte*, entre muitos outros temas que são possíveis na prática pedagógica e que se tornam mais simples ao entendimento do aluno quando tratado de forma prazerosa.

Assim, as bolsistas analisaram o primeiro questionário que aplicaram aos alunos do 6º ano. Sobre a prática leitora deles, foi observado que 95% da turma gostam de ler e em média 5% dos alunos marcaram a opção que não gostam de ler. Sobre o acesso aos livros 92% possuem fácil acesso aos livros e 8% não possuem acesso aos livros. Quando perguntados sobre a leitura completa de um livro, 93% responderam que já leram um livro e 7% responderam não terem lido nenhum livro completamente.

No momento que foram questionados sobre o que dificulta no hábito de ler, todos apresentaram particularidades, mas podem ser evidenciados aspectos como a falta de tempo, preguiça e a utilização frequente do celular.

Este resultado possibilitou a reflexão e análise da prática leitora dos alunos, onde se notou que muitos gostam de ler e possuem acesso aos livros, mas não dispõem do interesse em serem leitores assíduos e não veem a importância da leitura para a construção de valores.

Com relação ao conhecimento sobre os contos de fadas, foram disponibilizadas pistas para o reconhecimento dos contos de fadas tradicionais e todos conseguiram identificar pelo menos 80% dos contos propostos. Alguns alunos tiveram dificuldades de reconhecer os contos de fadas *João e Maria, Cinderela e Alice no País das Maravilhas*, que corresponderam a 20% da turma.

Os alunos que não conseguiram se lembrar apresentaram uma característica em comum, todos são do sexo masculino. A respeito do gosto pela leitura do conto de fadas foi verificado que 86% já leram e ainda gostam de ler, mas 14% responderam que conhecem, mas não gostam, pois justificaram que estas leituras fazem parte da infância.

Nesta perspectiva, foi constatado que os alunos conhecem os contos de fadas e que a maioria gosta de ler, entretanto uma parte da turma acha que os contos de fadas são exclusivamente direcionados para crianças e não para o público juvenil.

Os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, necessitam ser estimulados a uma prática leitora assídua e desafiadora. Através de um reconhecimento da realidade dos alunos é possível propor a inserção de contos de fadas tradicionais e contemporâneos que talvez os alunos ainda não

conheçam, e assim inserir as atividades pautadas nas inovações tecnológicas, como a utilização de computadores, celulares, *tablets*, etc. Esta proposta pode ser um caminho a ser seguido para o ensino da literatura e a iniciação da prática leitora com os alunos.

Que histórias trabalhar em sala de aula?

A escolha da obra a ser trabalhada e lida pelos alunos é algo que deve ser feito com muita atenção e cuidado, pois, assim como a abordagem, pode causar um verdadeiro trauma. Por esse motivo, analisar previamente o público alvo dessas leituras é algo tão importante, por esse motivo o questionário aplicado pelas alunas do PIBID foi de suma importância, pois com ele foi possível conhecer, mesmo que parcialmente, os alunos da turma de atuação.

A faixa etária para qual a leitura se dirige é um dos fatores mais significativos, pois cada um costuma ter um determinado interesse. Coelho (2000) utiliza como exemplo de fábulas para crianças menores a narrativa *O patinho feio*, que carrega uma filosofia de vida muito interessante a se transmitir aos pequenos. A autora também menciona títulos de algumas obras que ela indica para serem trabalhadas, como: *O Homem e a Serpente*, *Calila e Dimna*, *A Galinha Soberba e o Pavão*, *A Moça e o Pote de Leite*, *As Fadas*, *Moedas de Estrelas*, *A Rainha da Neve* entre outras, que em sua maioria tratam da temática do relato das mudanças ocorridas na forma de se ver o mundo.

Coelho (2000) recomenda também algumas coletâneas e autores que escreveram narrativas com assuntos muito interessantes de serem trabalhados em sala de aula, como: *Charles Perrault*, *Irmãos Grimm*, *Fábulas de Esopo* e *Fábulas de La Fontaine*.

Como os recursos tecnológicos podem auxiliar?

Como os jovens da atualidade estão muito ligados às novas tecnologias, e “não há hoje um só setor da vida humana que não esteja mediado e permeado pelas tecnologias digitais” (SANTAELLA, 2012, p. 229), pensamos em tentar reverter a atual falta de interesse pelas leituras, inserindo a ciberliteratura no contexto escolar dos alunos com uma proposta pedagógica que fosse interessante para ambas as partes: aluno e professor.

De acordo com Fidelis e Azzari (2017), foi possível observar que cada vez mais jovens têm se inserido no mundo das *fanfics* e começado a desenvolver o hábito da escrita e da leitura por esse caminho, dessa forma é possível ressaltar que

Talvez, ainda, uma das brechas apresentadas por esse caminho advenha exatamente das respostas que possa oferecer ao professor atento às culturas que permeiam o cotidiano de jovens alunos e que se pergunte: por que ainda é tão difícil engajar alunos na escrita e na

leitura de textos em esfera escolar quando, movidos por afiliações, hipertextos e multimodalidades, esses mesmos jovens se propõem a ler (e a escrever) de forma tão abundante e voluntária? (FIDELIS e AZZARI, p.563).

Assim, pensou-se uma proposta pedagógica que inserisse as tecnologias digitais em sala de aula de maneira produtiva. Essa atividade consistiria em os alunos criarem suas próprias releituras dos contos de fadas populares, que seriam publicados em redes sociais como o *facebook*. Com isso, a proposta pretenderia incentivar não só a leitura, mas também a escrita criativa de contos, como a atividade de reescrita do conto *Rapunzel* que as alunas do PIBID-UFRRJ fizeram com os alunos do 6º ano do ensino fundamental em uma de suas aulas.

Dessa forma, seria aplicada uma atividade de reescrita dos contos propostos, sob orientação e supervisão das bolsistas, mas ao invés de usar caneta e papel, os alunos poderiam desenvolver a atividade em seus computadores, *tablets*, *smartphones*, ou outros dispositivos eletrônicos. A publicação desses contos nas redes sociais, possibilitaria aos alunos interagirem com os possíveis leitores de seus contos.

Como já citamos, pensamos que essa atividade seria bem parecida com as *fanfics*, com a inserção de

Personagens, enredos, cenários, fotos, imagens estáticas e em movimento são reapropriadas, revisitadas, numa releitura que provoca um repensar das fronteiras e forças que legitimam textos e os privilegiam em contexto escolar para a formação do aluno-leitor (FIDELIS e AZZARI, p.549).

Enfim, a proposta apresentada aqui objetiva ao ensino do gênero contos de fadas por meio da ciberliteratura, de uma forma a motivar os jovens a escrever e a ler cada vez mais, mostrando também a eles que a literatura não é apenas caneta e papel, que ela pode ser interativa e divertida.

Conclusão

Neste artigo, sem pretender desprestigiar tal ou qual metodologia e, ainda, sem reduzir nossas observações à crítica da abordagem tradicional do ensino de leitura por meio/mídia impresso/a, conduzimos nossas ideias em favor de metodologias alternativas para a obtenção de resultados mais favoráveis.

Pela experiência de iniciação à docência, no contexto da comunidade-alvo, entendemos que a escolha das obras é algo primordial no incentivo à leitura, principalmente pelo fato dos alunos terem certo receio das leituras e literaturas até então

vistas nas escolas. Nesse sentido, as obras modernas, ou até mesmo em formato de gibis e HQs, tendem a conquistar mais os alunos, por todo encantamento que apresentam.

Por isso, consideramos ser de suma relevância levar em conta também o meio tecnológico digital em que a geração de pré-adolescentes e adolescentes estão inseridos hoje. Na hora de escolher as obras que serão trabalhadas em sala de aula para esse público, deve-se levar em conta os seus gostos e interesses. A partir do contato com os alunos da escola e do estudo que fizemos, verificamos o quão importante é o processo de incentivo à leitura para a formação do leitor, e conseguimos perceber que o gênero conto de fadas, com todos os encantamentos do maravilhoso que possui, consegue prender a atenção do leitor de uma forma bastante positiva, contribuindo para o desenvolvimento literário dessa criança.

O fato de os alunos não terem o interesse pela leitura e a não permissão da criação de um espaço para a literatura fazem com que os alunos não sejam “conquistados” pelo ambiente escolar, assim os afastando do mesmo. Diante desta questão, este trabalho propôs uma metodologia de abordagem do gênero literário contos de fadas em turmas do 6º ano, pois com ele é possível abordar diversos aspectos relevantes, inclusive para a formação de um leitor crítico.

Os alunos leram contos de fadas e, motivados pela proposta de disponibilizarem seus textos nas redes sociais, produziram reescrituras de histórias como Chapeuzinho vermelho e O patinho feio. Apesar disso, por conta da finalização das atividades das bolsistas, não foi possível prosseguir no trabalho final de acompanhamento das publicações em redes sociais como o *facebook*. Ainda assim, incluímos, nos registros das atividades, a avaliação positiva, no que diz respeito a aprovação dos alunos quanto ao uso dos meios digitais na atividade de leitura.

Por fim, nossa proposta foi, ainda, discutir os benefícios do uso das práticas virtuais de comunicação no ensino de leitura e escrita na escola. A ciberliteratura, nesse sentido, trouxe-nos luz no que refere às possibilidades de serem criadas alternativas de estimular os alunos a ler e escrever.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997, p. 11-163.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000, p. 14-273.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007. p. 24-33.
- FIDELIS, Ana Claudia Silva; AZZARI, Eliane Fernandes. Literatura, ciberliteratura e a formação de alunos-leitores: diálogos com o cânone e a ficção de fãs. **Cadernos de Letras da UFF**, [S.l.], v. 26, n. 53, jan. 2017. ISSN 24474207. Disponível em:

<<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/194>>. Acesso em: 02 Jul. 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Para compreender a ciberliteratura**. Texto Digital, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 229-240, jul./dez. 2012.

ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TIC's**. São Paulo: Parábola, 2013.

VIRES, P. Literature and Cyberspace. **Folklore**, 29: 153-174, 2005. Disponível em: <<http://www.folklore.ee/folklore/vol29/cyberlit.pdf>> Acesso em: 02 Jul. 2018.

XAVIER, Nara Rúbia Gomes Duarte; SILVA, Débora Cristina Santos e. **Ciberliteratura: escrita criativa, entre o verbal e o virtual**. UEG. Edital interno PrP 008/2014. p. 1-9.

Resumo: Neste artigo, desenvolve-se uma reflexão acerca dos benefícios que as novas tecnologias comunicacionais associadas ao ensino podem oferecer às aulas de Língua portuguesa. Destacamos a inserção do ensino do gênero textual contos de fadas no universo da ciberliteratura, considerando-a como metodologia de ensino e de aprendizagem de leitura e de escrita.

Palavras-chave: Contos de fadas; ciberliteratura; multiletramentos.

Abstract: In this article, a reflection is developed on the benefits that the new communicational technologies associated to the teaching can offer to the lessons of Portuguese Language. We emphasize the insertion of the teaching of the textual genre fairy tales in the universe of cyberliterature, considering it as methodology of teaching and learning of reading and writing.

Keywords: Fairy tales; cyberliterature; multiletramentos.

Recebido em: 10/05/2019.

Aceito em: 01/06/2019.